

Notas

Desde que se editou o primeiro número, a repercussão de *Crítica Marxista* se expressou de inúmeras formas: palavras de incentivo e crítica, cartas de apoio, convites para participação em encontros de intelectuais marxistas e com publicações de esquerda, debates para lançamento da revista em vários centros universitários, sindicais etc. Na medida em que essas manifestações e eventos dão testemunho da intensa atividade no campo marxista, julgamos conveniente anotá-los em uma seção da revista.

Nesse sentido, no último semestre de 1995, alguns editores participaram de encontros internacionais. No final de setembro, estivemos representados na *Monthly Review*, em Nova York, participando de um debate sobre a situação atual da esquerda e do marxismo no Brasil, com a presença, entre outros, do editor Harry Magdoff. Na ocasião, foi possível conhecer as atividades da *New York Marxist School* e do *Brecht Forum*, que funciona ao lado de MR, a convite de Eric Canepa. Definida como "um lugar para pessoas que trabalham a favor de uma transformação social fundamental e por uma nova cultura que põe no primeiro plano as necessidades humanas", a escola oferece cursos de educação popular, aulas de línguas, palestras e seminários. Em comemoração de seu vigésimo aniversário, patrocinou no último trimestre de 1995 cursos e conferências sobre Ernst Mandel, a questão racial norte-americana, Gramsci e o Estado, movimento operário nos EUA e outros temas.

Também em fins de setembro, dois colaboradores da revista apresentaram o projeto da revista na reunião dos editores da revista norte-americana *Latin American Perspectives*, realizada em Washington, como parte das atividades do XIX Congresso da Associação de Estudos Latino-Americanos. Presentes, entre outros, nossos colaboradores

Ronald Chilcote, Timothy Harding e James Petras.

Um membro do conselho editorial representou CM no Congresso "Marx International", que reuniu participantes de 23 países, em Paris, no começo de outubro de 1994. Apresentaram-se no congresso três tendências principais; a primeira, defendida, entre outros por Jacques Bidet, de *Actuel Marx*, propõe a incorporação ao marxismo dos debates em torno da democracia, recuperando concepções do contratualismo social que remontam a Rousseau. A segunda, afirmada por Lipietz, por exemplo, tenta reverter o marxismo, lançando mão das contribuições da ecologia. A terceira vertente, representada por um amplo leque que incluía Fredric Jameson, David Harvey e Guido Oldrini criticava as visões anteriores como cedendo terreno ao campo não-marxista. Um encontro entre as revistas presentes reuniu editores de *Doxa*, *Tesis 11*, *Críticas de Nuestro Tiempo* e *Aportes* (Argentina), além da edição platina de *Actuel Marx*; *Cahiers Marxistes* (Bélgica); *Alfaguara* (Uruguai); *Links* (Austrália); *Espacios* (Equador) e *Praxis* (Brasil), entre várias outras.

Na segunda quinzena de outubro, outro membro do conselho editorial participou do II Seminário Internacional "El Nuevo Orden Mundial a fines del Siglo XX: El Socialismo como Pensamiento y Perspectiva", em Rosario, na Argentina. O evento foi organizado pela Escuela de Historia da Universidade de Rosario e pelas revistas *Cuadernos del Sur* e *Actuel Marx*, reunindo pesquisadores, estudantes e militantes políticos. No grupo de trabalho dedicado às revistas marxistas e socialistas do Cone Sul, estiveram presentes dezoito publicações - do Brasil, Argentina e Uruguai. Na ocasião, reafirmou-se a disposição de realizar um encontro das revistas de esquerda em 1996, na cidade de Montevideu.

Em relação ao intercâmbio de

publicações, recebemos as revistas *Crítica Marxista* (da Itália, por intermédio de seu colaborador Antonino Infranca), *Dialéctica* (México, de seu editor Gabriel Lozano, que também nos enviou seu mais recente livro, *Más allá del derrumbre*, Ed. Siglo XXI), *Cuadernos del Sur* (Argentina, através de seu editor, Eduardo Lucita), *Trabajo y Capital* (Uruguai, pelo editor Guillermo Foladori) e *Alfaguara* (Uruguai, por intermédio de Fernando Moyano).

Crítica Marxista foi também

signatária do Protocolo de Santa Maria, RS, junto com as revistas *Alfaguara*, *Praxis*, *Brasil Revolucionário* e *Teoria & Praxis*, cujo objetivo é promover um real intercâmbio entre as publicações marxistas da América Latina. Por fim, cumpre registrar que *Marxismo Oggi*, em seu primeiro número de 1995 anotou a publicação de nosso primeiro número.

JRM/RA
novembro 1994

EM MEMÓRIA DE FLORESTAN FERNANDES (1920-1995)

Caio Navarro de Toledo

Foram muitas as lutas e os combates enfrentados por Florestan Fernandes durante sua fecunda vida.

Nos anos recentes, embora fisicamente combatido por uma doença - cirrose hepática provocada por uma transfusão de sangue contaminado - que lhe impunha cuidados médicos constantes, Florestan jamais ensarilhou suas armas. Sua *virtu* consistia em desafiar abertamente a má sorte, opondo-lhe a lucidez de seu espírito combativo e a força de sua integridade moral. A enfermidade não fazia calar a apaixonada defesa das idéias que constituiriam a própria razão de sua existência. Relata o noticiário de um jornal que, poucos dias antes de sua morte, ao entrar na sala de cirurgia, com voz débil, mas, serena, testemunhou: "O que me mantém vivo é a chama do socialismo que está dentro de mim".

Para os que hoje, nos meios intelectuais, optaram pelo cinismo da razão e pelo pessimismo da vontade - na exata inversão do que ensinava o revolucionário no cárcere fascista -, tal declaração não deixaria de soar patética ou quixotesca. No entanto, longe da retórica e da profissão de fé, Florestan - através da afirmação

do socialismo - expressava com inteira autenticidade a *segunda natureza* que nele se plasmou harmonicamente, produto de aguda sensibilidade humana e radical intolerância diante de toda e qualquer forma de opressão e exploração sociais.

A aprendizagem sociológica e política de Florestan, como ele reconheceu, iniciou-se com a criação de seis anos, quando começou a trabalhar a fim de ajudar sua mãe, viúva, lavadeira e empregada doméstica, a pagar o aluguel dos porões ou dos quartos de cortiços dos bairros da periferia da cidade de São Paulo. Foram várias as venturas e desventuras que pontilharam uma infância e adolescência marcadas pela necessidade de buscar trabalho, por vezes "humilhante e degradante". Ele e a mãe - nas suas palavras, a "soma de duas fraquezas não compõe uma força" - eram "varridos pela tempestade da vida" e o que os salvou foi o *orgulho selvagem* dos desenraizados.

Perdido no mundo hostil, o jovem voltava-se para dentro de si para descobrir nas "técnicas do corpo" e nos "ardis dos fracos" os meios de autodefesa para a sobrevivência.

Mas, da experiência de vida compartilhada com os demais marginalizados e ofendidos da cidade, o adolescente retirará ensinamentos decisivos que o acompanharão durante toda a vida: "O caráter humano chegou-me por essas frestas, pelas quais descobri que o 'grande homem' não é o que se impõe aos outros de cima para baixo ou através da história; é o homem que estende a mão aos semelhantes e engole a própria amargura para compartilhar a sua condição humana com os outros, dando-se a si próprio, como fariam os meus Tupinambá".

Superando obstáculos que se colocavam para o jovem pobre e autodidata, "sem berço e sem nome", na São Paulo dos anos 40, o lumpen-proletário chega à Universidade de São Paulo. O invulgar talento para a pesquisa empírica e a voracidade para a leitura da bibliografia sociológica e antropológica disponível (na sua maioria, em língua estrangeira) transformam o "estudante promissor", em poucos anos, no brilhante assistente da cadeira de Sociologia II. Uma ruptura inimaginável na vida de um homem de origens rústicas. Integrando-se, assim, desde muito cedo à elite pensante da USP, sofisticando-se intelectualmente através da educação letrada e da aquisição de novos padrões de vida; Florestan, no entanto, jamais negará a sua "natureza selvagem, agreste, de filho de dona Maria" - a herança mais preciosa que carregou até o fim de sua vida, conforme assinalou em alguns depoimentos.

Poucos intelectuais no Brasil podem ser qualificados como pensadores originais e criativos. Florestan é um deles. Sem referência à sua obra-documento, como já foi observado, será difícil entender a sociedade brasileira contemporânea pois seus trabalhos analisam - com argúcia e rigor - os dilemas, as contradições e as possibilidades do Brasil neste século. Mais de 50 livros publicados - alguns ainda no prelo - continuarão a orientar novas pesquisas e ensaios acadêmicos no campo das ciências sociais e a reflexão crítica acerca da formação social brasileira, nas suas múltiplas dimensões - economia, política, cultura, relações raciais etc.

Como intelectual militante (marxista e leninista, como gostava de

sublinhar), Florestan buscou sempre responder à inevitável questão: como compatibilizar a atividade teórico-científica com o radicalismo político e ideológico? Estava convencido de que era impossível - e também indesejável e improdutivo - separar a investigação sociológica do movimento socialista, isolando a sociologia do socialismo. A realidade, dizia, impunha que ambos avançassem interligados, influenciando-se de maneira permanente, profunda e fecunda. Recusando-se a aceitar as armadilhas da pretensa neutralidade axiológica, era categórico em afirmar: "No fundo, temos de arcar com a responsabilidade de saber em relação a que somos funcionais (ou instrumentais): ao pensamento conservador, que se converteu inexoravelmente num pensamento contra-revolucionário [...] ou ao pensamento socialista, o único que encarna as potencialidades da transformação revolucionária da ordem social imperante no Brasil".

Neste particular, sempre manifestou uma incontida insatisfação em face da sua própria trajetória intelectual, sendo implacável na autocrítica: "Todas as tentativas que fiz para combinar as duas coisas falharam". Mas a explicação tinha razões estruturais que independiam da generosa vontade do pensador crítico: não existia um movimento socialista forte e enraizado na sociedade brasileira que servisse de substrato e de apoio para os intelectuais de formação socialista. Embora recusasse a observação de que teria privilegiado a ciência "contra o socialismo", reconhecia - avaliando sua produção acadêmica nos anos 40-50 - que se "tivesse seguido um caminho, no qual pudesse definir a minha perspectiva como cientista social a partir de um movimento socialista forte, nunca teria trabalhado com os temas com os quais eu trabalhei". Há que se observar, no entanto, que os clássicos trabalhos sobre os tupinambás, o negro e o folclore na cidade de São Paulo (que tinham como objeto os excluídos, os marginalizados, os desenraizados) foram elaborados sob a ótica de uma teoria social crítica.

Uma avaliação criteriosa e sistemática do conjunto de sua obra ainda está por ser feita. Além da questão acima mencionada, temas polêmicos, suscitados por seus trabalhos, deverão ser debatidos e

esclarecidos; por exemplo, no campo do materialismo histórico, sua tentativa de compatibilizar particularmente nas primeiras obras - o método funcionalista e o método dialético, a natureza da sua interpretação marxista, sua visão (e crítica) do chamado "socialismo real" e a explicação de sua crise e colapso, a consistência teórica da sua defesa do socialismo revolucionário no mundo contemporâneo etc.

Florestan foi, no Brasil e no exterior, um veemente inimigo da ditadura militar. No seu caso, o regime militar não se equivocou ao aposentá-lo compulsoriamente da USP, na tentativa de intimidar e fazer calar a sua voz. Através de livros, artigos e entrevistas em jornais e revistas, cursos e uma incansável atividade como conferencista, sua palavra nunca foi silenciada.

Em meados dos anos 80, o tribuno e escritor militante - depois de ter recusado convites anteriores - ingressou no Partido dos Trabalhadores. Recolhendo recursos da venda de seus livros e com o apoio entusiasmado da militância comprometida com suas idéias, Florestan se elegeu deputado federal, em 1986, com mais de 50 mil votos. Em 1990 seria reeleito, deixando de se candidatar nas últimas eleições legislativas. O intelectual socialista, no entanto, manteve sempre uma postura crítica face à "política profissional", não se deixando seduzir pelos encantos, privilégios e facilidades inerentes à representação parlamentar na ordem democrática burguesa.

Ativo deputado federal, com atuação destacada na área da educação, não deixou de assinalar um certo isolamento dentro do partido. Falando sobre sua presença no PT, numa entrevista em 1989, afirmou: "Eu sou muito bem-vindo no PT; gostam muito de mim, mas lá fiquei relativamente isolado. Sou como um sabiá que canta sozinho". Florestan, como se sabe, não se filiou a qualquer tendência do PT; na condição de "independente", sempre manteve uma relação amistosa e cooperativa com as facções internas, recusando-se a discriminar quem quer que fosse. Como um possível antídoto aos efeitos negativos da crescente institucionalização do PT, julgava ser positiva a existência das tendências -

particularmente daquelas comprometidas com o socialismo revolucionário.

Leal ao PT - como também colaborador generoso dos movimentos sociais e partidos de esquerda brasileiros (ex-PCB, PC do B, PSB e outros pequenos grupos) bem como de partidos da esquerda latino-americana -, Florestan, contudo, nunca abdicou de suas convicções revolucionárias. Em virtude disso, questionava o chamado "socialismo petista" (seja na fórmula do socialismo "democrático", seja na versão do socialismo "moderno") bem como a recusa teórica - quando não hostilidade - de setores do partido diante do marxismo.

Em sua atuação parlamentar, nunca deixou de afirmar sua condição de intelectual. Mas de *intelectual radical* - sem nenhuma semelhança com os pseudamente intelectuais "extremistas", os chamados "socialistas de cátedra", ironizados por Marx, "que se deitavam em seus sofás e maldiziam a revolução, que era impossível ...".

Seus últimos escritos e depoimentos manifestavam um profundo desagrado pela dinâmica interna e posições políticas e ideológicas recentemente assumidas pelo PT: a excessiva burocratização interna em detrimento da participação da militância, a fetichização e culto da democracia, o apego crescente ao eleitoralismo, a redução da política ao plano institucional, o isolamento do partido em relação aos movimentos sociais mais combati vos e seu descolamento face às amplas camadas marginalizadas e despossuídas - em poucas palavras, a perspectiva da social-democratização do PT era uma alternativa que ele pessoalmente não admitiria convalidar. No I Congresso, indagou sem equívocos: "O PT manterá a natureza de uma *necessidade histórica* dos trabalhadores e dos movimentos sociais radicais, se preferir a 'ocupação do poder' à ótica revolucionária marxista?"

Na cerimônia de seu funeral, a indagação de Florestan ressurgia no simbolismo ali presente: as flores dos sem-terra - alguns deles tinham sido massacrados, em Rondônia, na véspera de sua morte - e as bandeiras vermelhas do PT eram empunhadas

por companheiros entoando a velha canção que identifica os comunistas em todo o mundo.

Para Florestan Fernandes, os versos do internacionalismo proletário

nunca foram uma canção dissonante. Ou, como diria, "não eram letras mortas ou um poema sem encantos".

EM MEMÓRIA DE ERNEST MANDEL (1923-1995)

João Machado

No dia 20 de julho morreu em Bruxelas, na Bélgica, vítima de um ataque cardíaco, Ernest Mandel, militante socialista e teórico marxista, um dos mais importantes do século.

Nasceu em 5 de abril de 1923, em Frankfurt (Alemanha), de uma família judia. Seu pai, militante do PC alemão, havia emigrado para a Bélgica depois do assassinato de Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht em 1919. Embora já vivesse em Antuérpia, a mãe de Ernest preferiu Frankfurt, que lhe era mais familiar, para o parto.

Mandel começou sua militância política muito cedo, na luta contra a Segunda Guerra Mundial. Antes de completar 17 anos, ingressou na IV Internacional, fundada menos de dois anos antes por iniciativa de Leon Trotsky. Durante a ocupação nazista, foi preso três vezes, e por duas vezes conseguiu fugir. Depois da guerra, participou da reorganização da IV Internacional; quando ela se dividiu, foi um dos principais dirigentes do Secretariado Unificado até sua morte.

Mandel reuniu várias das melhores características do movimento operário do início do século: internacionalista (desde que veio ao mundo, aliás: de nacionalidade belga, nascido na Alemanha), poliglota, dono de uma cultura ampla. Escreveu muito, sobre uma grande variedade de temas.

No terreno da economia, algumas de suas obras estão entre as mais importantes do marxismo. O *Tratado de economia marxista*, que lhe custou dez anos de trabalho, foi publicado em francês, em 1962, e difundido em várias línguas. Procurou confrontar a economia marxista com os

conhecimentos históricos e econômicos acumulados fora do campo marxista, e provar a partir daí sua atualidade e sua capacidade de compreender os problemas correntes.

A renovação do pensamento econômico marxista serviria de base para um grande desafio: o de explicar o capitalismo do pós-Segunda Guerra. Antes dela, este sistema tinha passado por um período de crise e depressão; a maioria dos marxistas acreditava que ele vivia uma crise agônica. Nos anos 50 e 60, ocorreu o contrário: o capitalismo, recorrendo às políticas keynesianas e permitindo o desenvolvimento do "Estado do bem-estar", parecia ter adquirido um vigor inesgotável, e conseguido superar muitas das suas contradições; dizia-se que tinham sido desmentidas teses fundamentais de Marx como a de que a "lei geral da acumulação capitalista" é acumulação de riqueza em um pólo e de miséria no outro.

Após muitos artigos em torno do tema do "neocapitalismo", Mandel chegou a *O capitalismo tardio* (primeira edição em alemão em 1972, publicado no Brasil na coleção "Os Economistas", da Editora Abril! Nova Cultural), talvez sua obra teórica mais importante. Retoma aí a teoria das "ondas longas" na economia capitalista. Além disso, associa-lhe a "lei da tendência decrescente da taxa de lucros" marxista, e procura mostrar que há uma assimetria básica nas "ondas longas". A lógica interna da própria economia (mundial) explica o esgotamento de uma "onda longa expansiva", e pode explicar a natureza acumulativa de cada "onda longa", uma vez iniciada. Mas a

TOLEDO, Caio Navarro de. (Nota em memória a Florestan Fernandes). *Crítica Marxista*, São Paulo, Brasiliense, v.1, n.2, 1995, p. 172-175.

Palavras-chave: Homenagem; Florestan Fernandes.